

TERRITÓRIO, IDENTIDADE E SOCIABILIDADE: SKATE E HIP-HOP EM TRÊS LAGOAS/MS

Matheus Guimarães Lima¹

RESUMO: O presente texto é fruto de uma pesquisa qualitativa em Geografia que teve como objetivo analisar os processos e dinâmicas socioespaciais relacionados às práticas de lazer e sociabilidade de jovens skatistas e adeptos da cultura hip-hop em Três Lagoas/MS. Com esse objetivo, buscamos compreender como as redes de sociabilidade juvenis se delineiam, a partir de identidades compartilhadas. Para tanto, apoiamos-nos nos conceitos e noções de: espaço, território/territorialidade, sociabilidade e identidade. Em Três Lagoas, os skatistas e adeptos do hip-hop, têm seu território constituído, sobretudo, pela pista de skate localizada na Lagoa Maior, onde o poder que exercem é visível, diante de simbolismos e práticas próprias, que incidem em processos de reprodução e apropriação do espaço, logo, de territorialização. Na pesquisa que resultou no presente texto, realizamos pesquisas de campo e conduzimos entrevistas, sob os preceitos metodológicos da observação participante, que possibilita que o pesquisador se insira em situações de convívio social com os sujeitos investigados.

PALAVRAS-CHAVE: Território; identidade; sociabilidade; skate; hip-hop

TERRITORY, IDENTITY AND SOCIABILITY: SKATEBOARD AND HIP-HOP IN TRÊS LAGOAS/MS

ABSTRACT: This text is the result of a Geography qualitative research; which goal was to analyze the socio-spatial processes related to leisure and sociability practices of young skateboarders and members of the hip-hop culture in Três Lagoas/MS. In this sense, we sought to understand how sociability networks are formed, based on shared identities. To do so, we relied on the concepts and notions of: space, territory / territoriality, sociability and identity. In Três Lagoas, skateboarders and hip-hop fans have their territory constituted, mainly, by the skating rink located at Lagoa Maior, where the power they exercise is visible, in face of their own symbolism and practices, that affect space reproduction and space appropriation processes, and doing so, processes of territorialization of the space. Through the research that resulted in this text, we conducted field surveys and interviews, under the methodological precepts of participant

¹ Doutorando em Geografia, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: mgl.geopp@gmail.com

observation, that allows the researcher to be in situations of social interaction with the subjects that compose the research theme.

KEYWORDS: Territory; identity; sociability; skateboard; hip-hop.

TERRITORIO, IDENTIDAD Y SOCIABILIDAD: SKATE Y HIP-HOP EM TRÊS LAGOAS/MS

RESUMEN: El presente texto es fruto de una investigación cualitativa en Geografía, que tuvo como objetivo analizar los procesos y dinámicas socioespaciales relacionados a las prácticas de ocio y sociabilidad de jóvenes skaters y adeptos de la cultura hip-hop en Três Lagoas/MS. Con ese objetivo, buscamos comprender la forma que las redes de sociabilidad se delinearán, a partir de identidades compartidas. Para eso, nos apoyamos en los conceptos y nociones de: espacio, territorio / territorialidad, sociabilidad e identidad. En Três Lagoas, los skaters y adeptos del hip-hop, tienen su territorio constituido, sobre todo, por la pista de skate ubicada en la Lagoa Maior, donde el poder que ejercen es visible, ante simbolismos y prácticas propias, que inciden en procesos de reproducción y apropiación del espacio, luego, de territorialización. En la investigación que resultó en el presente texto, realizamos investigaciones de campo y conducimos entrevistas, bajo los preceptos metodológicos de la observación participante, que posibilita que el investigador se inserta en situaciones de convivencia social con los sujetos que componen la temática de la investigación realizada.

PALABRAS-CLAVE: Território; identidade; sociabilidade; skate; hip-hop.

INTRODUÇÃO

O presente texto é resultado de uma pesquisa qualitativa, que teve como objetivo compreender, sob o arcabouço teórico da Geografia, as práticas de sociabilidade e lazer de jovens skatistas e adeptos do hip-hop em Três Lagoas/MS. Quem são os skatistas e adeptos do hip-hop em Três Lagoas? Qual a relevância da identidade em suas práticas de sociabilidade e lazer? Como ocorrem os processos e dinâmicas socioespaciais que abrangem os referidos sujeitos? Essas são questões que buscamos responder por meio dos resultados da pesquisa apresentada neste texto.

Quanto aos procedimentos metodológicos empregados, tivemos como ponto de partida a pesquisa bibliográfica, essencial, pois fornece o embasamento teórico no qual o trabalho se apoia. Assim, compreendemos, que a pesquisa

bibliográfica, é uma etapa indispensável que deve anteceder todo processo exploratório de campo.

Além da pesquisa bibliográfica, realizamos pesquisas de campo, amplamente utilizadas na Geografia. Conforme sustenta Silveira (1936, p. 72), a pesquisa de campo “torna mais apurada a capacidade de observação e ganham os conhecimentos a solidez que só o contato com a realidade objetiva pode dar”. As pesquisas de campo que originaram o presente texto foram realizadas na pista de skate da Lagoa Maior, ao longo de duas semanas, no segundo semestre de 2017.

Ao longo das pesquisas de campo, pautamo-nos em uma metodologia específica, que é considerada bastante adequada na realização de pesquisas qualitativas que tenham sujeitos sociais e suas ações e representações como foco: a observação participante (FOOTE-WHYTE, 1980, MAY, 2004; TURRA NETO, 2008; LIMA; 2018).

Sobre a observação participante, destacamos que ela “fornece artifícios para que o pesquisador se mantenha presente em situações sociais ao realizar investigações científicas” (LIMA, 2018, p. 34). Dessa forma, o pesquisador assume papel de observador, estabelecendo contato com os atores sociais – que são os sujeitos observados – se inserindo em suas atividades cotidianas, que são observadas atentamente (FOOTE-WHYTE, 1980; BECKER, 1999; MAY, 2004; TURRA NETO, 2008).

A “abertura para o inusitado no campo e a flexibilidade que não se atém a regras fixas é uma das características marcantes da observação participante” (LIMA, 2018, p. 21). Nesse prisma, Turra Neto (2008, p. 375), partindo de Da Matta (1978), afirma que “se deixar levar pelo contato sensível pode ser, mesmo, o melhor caminho” ao utilizar a observação participante.

Concomitantemente à observação participante, realizamos entrevistas não diretivas e tampouco padronizadas. Optamos por este tipo de entrevista, pois a

entrevista não diretiva permite que o entrevistado fale sob o mínimo possível de interferência por parte do entrevistador, o que certamente acrescenta espontaneidade ao discurso do entrevistado (COLOGNESE; MÉLO, 1998; TURRA NETO, 2008; LIMA, 2018).

No processo de elaboração de representações cartográficas foi utilizado o software Spring® e, para edição de registros fotográficos, foi utilizado o software Photoscape®. Salientamos que tais softwares são de acesso livre e não necessitam de licença paga para serem utilizados. Em razão de sua eficiência e gratuidade, são “instrumentos de grande valor na construção do saber geográfico” (LIMA, 2018, p. 38).

RECORTE ESPACIAL DA PESQUISA

Dedicamos alguns parágrafos à caracterização do recorte espacial da pesquisa que resultou no presente texto, de maneira que o leitor tome conhecimento do contexto específico. O espaço de ação principal dos sujeitos – skatistas e adeptos do hip-hop – apresentados neste texto, é a pista de skate localizada às margens da Lagoa Maior, que, por sua vez, é o principal espaço público de lazer de Três Lagoas (Figura 1).

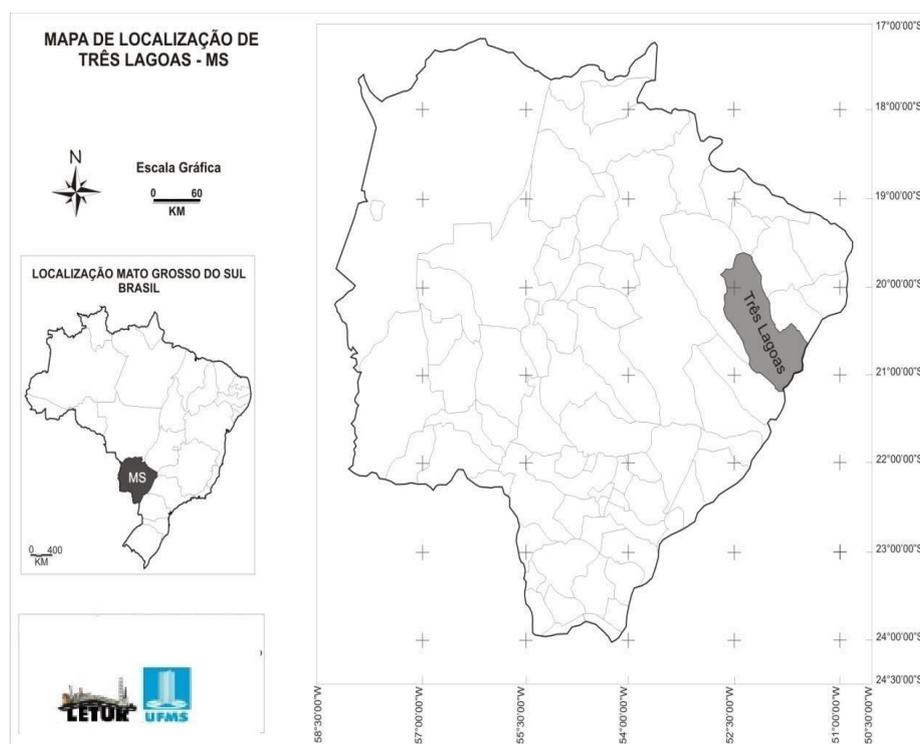
Figura 1: Pista de skate da Lagoa Maior



Fonte: o autor, 2017.

Na última década, Três Lagoas (Mapa 1) tem passado por amplo processo de incremento demográfico, associado à expansão de seu parque industrial, em especial a indústria da celulose. Essa condição gerou milhares de postos de trabalho na cidade, conseqüentemente atraindo em massa grande número de migrantes (LIMA; ARANHA-SILVA, 2017; LIMA, 2018).

Mapa 1: Localização de Três Lagoas/MS



Fonte: LIMA, 2018.

Em Três Lagoas, os migrantes recentes são oriundos, sobretudo, das regiões Norte e Nordeste do Brasil, conforme aponta Lima (2018, p. 128).

265

Houve, entretanto, migração de outras regiões do país e até do exterior, com comunidades de haitianos e árabes, de migração recente, na cidade. Em 2006, Três Lagoas tinha população de 87.113 habitantes, ao passo que, em 2017, a população estimada é de 117.477 habitantes (IBGE, 2017). Esses números representam um incremento populacional de 34%, em números absolutos 30.364 novos habitantes. Considerando-se o período de pouco mais de uma década – mais exatamente 11 anos – a média anual de crescimento populacional em Três Lagoas foi de 3,1%, muito superior à média nacional de crescimento populacional anual, que é de 0,77%, e também superior à média mundial que é de 1,2% (LIMA, 2018, p. 128).

O amplo crescimento populacional, em tão pouco tempo, teve reflexos em diversos aspectos socioespaciais na cidade, entre eles as práticas de lazer dos cidadãos. Tendo a população da cidade crescido, passou a ser maior também o número de pessoas que se apropriam do grande espaço de lazer ao redor da Lagoa Maior em seu tempo livre (LIMA; ARANHA-SILVA, 2017, p. 9).

Assim, “a importância da Lagoa Maior como espaço de lazer e sociabilidade se exacerba diante do processo de explosão demográfica e da lacuna de espaços públicos de lazer em Três Lagoas” (LIMA, 2018, p. 129).

LAGOA MAIOR E MICROTERRITORIALIDADES

Observa-se que, atualmente, a Lagoa Maior é frequentada por “pessoas de diversas faixas etárias”, que compõem diferentes grupos sociais. Esses grupos frequentam a Lagoa Maior com assiduidade variável, e em razão da ampla dimensão do espaço, imprimem territorialidades distintas, estabelecendo microterritórios e microterritorialidades que “coexistem cada qual em sua particularidade, tendo a prática do lazer como elo” (LIMA, 2018, p. 129).

Quanto aos microterritórios, compreendemos que se tratam de territórios estabelecidos a partir de intencionalidades compartilhadas pelos sujeitos que os compõem. A extensão dos microterritórios – em sua forma física materializada –, é, porém, relativamente limitada. Conforme Turra Neto (2013, p. 8-12):

O tema das microterritorialidades nas cidades remete a estratégias de uso, apropriação e defesa de pequenas porções do espaço urbano por parte de grupos sociais, como jovens, mulheres, homossexuais, travestis, negros, entre tantas outras alteridades, quase sempre invisibilizadas, seja pela sociedade em geral, seja pelas políticas públicas e pela ciência, mas que, subterraneamente, também produzem a cidade, tanto material quanto imaterialmente, porque produzem espaços e formas culturais de convivências específicas (...) Um exemplo do que estamos querendo dizer pode ser oferecido a partir dos estudos que desenvolvemos sobre jovens ligados ao movimento hip-hop (...) As referências dessa cultura juvenil chegam aos mais diversos lugares pelos meios de comunicação de massa, ou por canais mais alternativos de difusão de informação. Nas periferias pobres de várias cidades, tais referências têm rebatimentos sobre jovens que passam a reconhecer nelas expressões adequadas para falar de si, da sua vida, do seu lugar socioespacial. Incorporando-as, circulam para além de seus bairros e se articulam com jovens de outros pontos da cidade que também portam as mesmas referências e, então, constituem juntos uma territorialização da cultura hip-hop à escala da cidade.

Em espaços públicos de lazer como a Lagoa Maior, que é apropriada por uma grande gama de sujeitos, com intencionalidades e propósitos igualmente diversos, torna-se evidente a relação entre microterritórios e microterritorialidades e a escala espaço-temporal, pois um mesmo espaço pode ser territorializado, desterritorializado e reterritorializado, de acordo com a função à qual se destina, em um momento cronológico específico. Dessa forma, ao abordar concepções de microterritório e microterritorialidade, tratamos, sobretudo, de forma e conteúdo.

A microterritorialização remete a construção de uma micropaisagem que revela o encontro de um conjunto de corpos em um grupo ou agregado social. (...) Além disto, existem diferentes formas de densidade da microterritorialização: algo muito visível pelo 'apinhamento' e formatação de um número razoável de sujeitos em interação; ou algo quase imperceptível ou 'camuflado' entre outras materialidades da cidade. O contraste aqui se evidencia pela: construção de uma identidade forte de sujeitos que se propõem estarem visíveis como celebração de uma diferença que não poderá ser vivenciada em outros espaços sociais; ou contido nas vivências 'subterrâneas' que transgridem os espaços previamente construídos para determinadas funcionalidades - assim como contido no imaginário partilhado coletivamente em interações específicas de uma cultura urbana ou condição identitária marginal que preza pela invisibilidade (os assuntos circulam nas interações sociais inusitadas e informam sobre localidades nas quais determinadas ações e relações poderão ser estabelecidas) (COSTA, 2017, p. 18).

Entre os diferentes grupos sociais que se apropriam do espaço da Lagoa Maior e têm um microterritório estabelecido, destacamos o grupo dos skatistas e adeptos do hip-hop, que se territorializam na pista de skate, localizada ao sul da Lagoa Maior.

Ao longo de duas semanas, sob os preceitos da observação participante, acompanhamos o referido grupo de maneira próxima, sendo o conteúdo das páginas seguintes resultado desse processo exploratório e de convivência.

O TERRITÓRIO SKATE EM TRÊS LAGOAS: IDENTIDADE SIMBÓLICA E SOCIABILIDADE

A partir de meados da década de 1990, skatistas brasileiros como Robert 'Bob' Burnquist e Sandro 'Mineirinho' Silva ganharam fama internacional ao se tornarem multicampeões mundiais de skate. Esse fato, em associação com a estabilização relativa da economia do país, contribuiu com o crescimento do número de skatistas no Brasil (LIMA, 2018). O skate se tornou bastante popular no país, entretanto foi, principalmente a partir de 2009, que esse crescimento se acentuou. Entre 2009 e 2015, o número de skatistas no Brasil mais que dobrou, conforme podemos observar no gráfico 1.

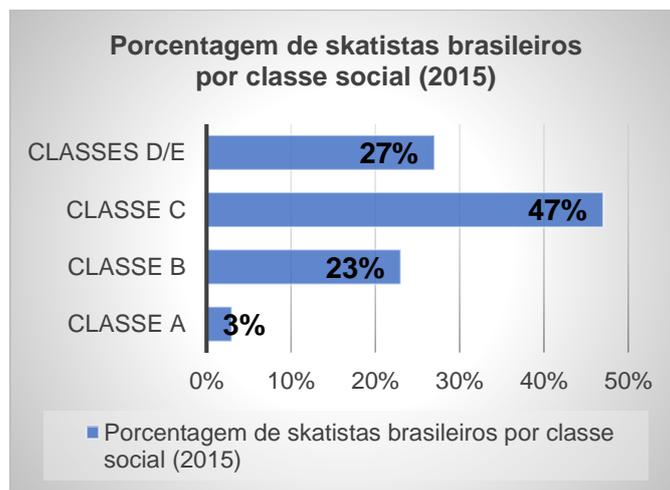
Gráfico 1: Número de skatistas no Brasil



Fonte: CBSK, 2015. Elaborado pelo autor, 2018.

Por conta do grande número de skatistas, o mercado do skate se expandiu amplamente, e movimentou, anualmente, no Brasil, cerca de um bilhão de reais, de acordo com estimativas, "sendo atualmente um mercado em franca expansão" direcionado majoritariamente à classe C (LIMA, 2018, p. 136), conforme podemos observar no gráfico 2.

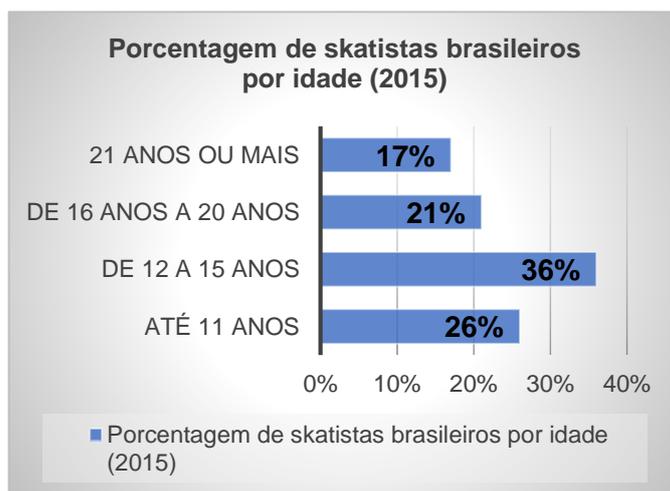
Gráfico 2: Porcentagem de skatistas brasileiros por classe social



Fonte: CBSK, 2015. Elaborado pelo autor, 2018.

Uma peculiaridade, que observamos, é que no Brasil, os skatistas são em geral sujeitos bastante jovens, com idade na maior parte das vezes inferior a 21 anos, como podemos observar no gráfico 3.

Gráfico 3: Porcentagem de skatistas brasileiros por idade



Fonte: CBSK, 2015. Elaborado pelo autor, 2018.

Em Três Lagoas, a principal pista de skate está localizada ao sul da Lagoa Maior. Essa pista de skate foi inaugurada em março de 2010² e substituiu a pista

² Em agosto de 2019, a Justiça do Meio Ambiente e Urbanismo, fez solicitação para que o município de Três Lagoas, através da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Agronegócio (SEMEA), retire a pista de skate da Lagoa Maior, sob a justificativa de que a pista de skate representaria “poluição visual” e que os frequentadores seriam supostamente usuários de drogas. Tal condição, coloca em xeque o futuro da pista de skate da Lagoa Maior, que pode, realmente, vir a ser demolida. Todavia, a SEMEA, comunicou, através de nota oficial, que fará estudos sobre a viabilidade e real

antiga, que datava de 2004. A pista de skate da Lagoa Maior é o lugar onde os skatistas locais se encontram, diariamente, após as 17 horas, ficando na pista até “por volta das 21 horas”, horário em que “os skatistas costumam se dispersar e a pista fica vazia” (LIMA, 2018, p, 156).

A referida pista não tem cobertura, e, devido ao típico calor de Três Lagoas, é raro encontrar algum skatista nela antes desse horário. Vez ou outra, “algum adepto do BMX³ utiliza a pista, porém, isso ocorre com pouquíssima frequência”, o que evidencia, em consonância com as observações realizadas, que os skatistas detêm o poder, sobre a pista.

Compreendemos, dessa maneira, que a pista de skate da Lagoa Maior se constitui como o território *de facto* dos skatistas três-lagoenses, baseando-nos na vertente culturalista de Haesbaert (1997, p. 39) que, ao tratar de território, “prioriza sua dimensão simbólica e mais subjetiva” na qual “o território é visto fundamentalmente como produto da apropriação feita através do imaginário e/ou da identidade social sobre o espaço”. O “território simbólico” invade e refaz as “funções” num caráter complexo e indissociável em relação à funcionalidade dos territórios, ou seja, a dominação lefebvriana torna-se, mais do que nunca, também, simbólica (HAESBAERT, 2007, p. 10).

Nesse sentido, Lima (2018, p. 134) sustenta que:

A territorialidade dos skatistas se materializa pela ocupação periódica da pista e, também, pela expressão cultural intrínseca na qual a apropriação do espaço e sua valorização simbólica e subjetiva faz território. Dessa forma, o chamado poder simbólico possibilita a emergência de identidades territoriais, alicerçadas em elementos espaciais, representações e símbolos. Essas identidades territoriais se constituem ao longo de processos históricos nos quais se estabelecem e se reproduzem grupos sociais – tribos urbanas – tipicamente urbanos, como o dos skatistas.

necessidade de retirada da pista, como pede a Justiça e, que deverá ser feita uma consulta popular, com fins de saber qual a opinião da população sobre o assunto.

³ Esporte praticado em bicicletas especialmente preparadas para manobras. Onde não há pistas próprias de BMX, pistas de skate são comumente utilizadas.

A partir desse pressuposto, “compreende-se que a territorialidade comumente se caracteriza por uma relação com valores simbólicos, bem como culturais”, que transparecem “nas relações que os sujeitos desenvolvem no território” (LIMA, 2018, p. 135). Na mesma perspectiva, Reis (2011) afirma que “podemos inferir que territorialidade configura-se sempre como uma relação baseada, entre outros atributos, em valores simbólicos e/ou culturais”, nas relações e ações “que os indivíduos desenvolvem no território, criando, assim, um referencial simbólico com o lugar em questão”, sendo em suma, “ações que constituem a territorialidade de um grupo em relação ao seu território” (p. 14).

Ainda de acordo com Saquet (2007), devemos considerar a dimensão subjetiva intrínseca à territorialidade como o desdobramento das relações cotidianas que os sujeitos perpetram, sendo essas relações constituintes do território vivido de cada pessoa ou grupo social no espaço. O referido autor afirma:

A territorialidade é o acontecer de todas as atividades cotidianas [...] resultado e determinante do processo de cada território, de cada lugar; é múltipla, e por isso, os territórios também o são, revelando a complexidade social, e ao mesmo tempo, as relações de domínios de indivíduos ou grupos sociais com uma parcela do espaço geográfico, outros indivíduos, objetos, relações (SAQUET, 2007, p. 129).

E complementa:

Compreendemos a noção de territorialidade como um processo de relações sociais, tanto econômicas, como políticas e culturais de um indivíduo ou de um grupo social. A territorialidade corresponde às relações sociais e às atividades diárias que os homens têm com sua natureza exterior. É o resultado do processo de produção de cada território, sendo fundamental para a construção da identidade e para a reorganização da vida quotidiana (SAQUET, 2009, p. 8).

Dessa forma, compreendemos as territorialidades como “produtos, condicionantes e caracterizadoras dos processos de territorialização e dos territórios”, estando “relacionadas à vivência cotidiana dos sujeitos

individualmente e de grupos sociais coletivamente”, materializando-se e refletindo “dimensões políticas e econômicas bem como dimensões sociais e culturais” (LIMA, 2018, p. 136). Assim, ao tratar de territorialidade, passamos a considerar “todos os processos espaço-temporais e territoriais inerentes à nossa vida na sociedade e na natureza” (SAQUET, 2009, p. 85).

Quanto aos skatistas três-lagoenses, notamos que, diariamente, diferentes grupos utilizam a pista de skate da Lagoa Maior, de forma rotativa. Logo após alguns saírem, chegam outros. Identificamos, nessa dinâmica, que, geralmente, um grupo de skatistas é composto por amigos/colegas que combinam de se encontrar em determinado horário para andarem juntos na pista da Lagoa Maior (Figura 2).

Figura 2: Skatistas na pista de skate da Lagoa Maior



Fonte: LIMA, 2018.

Esses grupos citados têm origem em alguma relação de amizade antiga, “cujo laço foi constituído antes que os membros começassem a frequentar a pista” (LIMA, 2018, p. 140), todavia outros grupos surgiram em decorrência do contato iniciado na própria pista.

Para fins de exemplificação, citamos dois skatistas que se conheciam de vista, por morarem na mesma rua, “mas que só tiveram maior contato, ao se encontrarem na pista, estabelecendo uma relação de amizade próxima” (LIMA,

2018, p. 141). Conforme ambos, desde então, os dois vão juntos para a pista na moto de um, ou de outro, sempre que possível.

Eu ando aqui direto, aí tinha um mano que mora na rua de casa lá na Vila Haro [bairro de Três Lagoas]. Um dia que eu estava passando com o skate na mão ele deu um salve, aí depois nos se trombou aqui na Lagoa de novo, aí já cola junto de motoca, né mano? Aqui é suave mano, quem cola mais direto, maioria se conhece (SKATISTA 1, 2017).

Nessa perspectiva, “o skate contribui para o desenvolvimento de uma rede de sociabilidade juvenil, sendo, por meio da prática do lazer, que se delineiam dinâmicas socioculturais da vida juvenil” e suas territorialidades (LIMA, 2018, p. 141).

Observamos que, no processo de estabelecimento de redes de sociabilidade juvenis, há prevalência de referências culturais globais, bem como processos de valorização das chamadas mercadorias culturais que delineiam processos subjetivos de pertencimento coletivo. As referidas mercadorias culturais são constituídas por objetos materiais providos de simbolismos (BELK, 1988; HARVEY, 1992; ORTIZ, 1994; BOURDIEU, 1999; DAYRELL, 2001; CARRANO, 2002; SANTOS, 2002; TURRA NETO, 2008; RAMOS, 2017; LIMA, 2018).

Entre os skatistas com quem tivemos contato, ao longo da pesquisa que originou o presente texto, independentemente da idade, “algumas características são comuns, principalmente no que tange ao vestuário, isso é, os simbolismos inerentes à sua construção identitária, o estilo” (LIMA, 2018, p. 144). Observamos, que a maioria dos skatistas utiliza bermudas e camisetas largas, tênis de skate e bonés.

Destacamos que a identidade dos sujeitos, por vezes, é reforçada pela posse de objetos providos de valor simbólico (principalmente de vestuário), estando inserida, nesse panorama, uma relação entre o consumo de mercadorias culturais e o exercício de uma identidade – territorialidade – específica (BELK, 1988;

HARVEY, 1992; DAYRELL, 2001; HALL, 2001; CARRANO, 2002; GIDDENS, 2002; MCCRAKEN, 2003; TURRA NETO, 2008; LIMA, 2018).

Sob essa perspectiva, Ortiz (1994, p. 118) sustenta que há “uma ética do consumo” e “é preciso que ela se ajuste às relações determinadas pela sociedade envolvente e, simultaneamente, seja compartilhada pelos seus membros” O contato dos sujeitos jovens com as mercadorias culturais ocorre, sobretudo, em seus espaços de sociabilidade e lazer na cidade, e as mercadorias culturais têm relação com o universo simbólico no qual ocorre a articulação de escalas locais e globais. Todavia, salientamos que, a sociabilidade resultante da articulação interescolar é um processo que se materializa, sobretudo, na escala local, na vivência cotidiana (BELK, 1988; HARVEY, 1992; PILKINGTON, 1997; DAYRELL, 2001; GRIFFIN, 2001; HALL, 2001; CARRANO, 2002; GIDDENS, 2002; MCCRAKEN, 2003; TURRA NETO, 2008; LIMA, 2018).

Nesse âmbito, ao tratar de culturas juvenis, Griffin (2001) utiliza o conceito de globalização para apontar tendências e práticas comunicativas, embasadas na noção de que vivemos em uma sociedade global que – embora fragmentada – tem seu *core* (núcleo central) na Europa Ocidental – sobretudo no Reino Unido – e nos Estados Unidos, de onde emanam influências culturais para o resto do mundo, os lugares considerados “periféricos”, como o Brasil e a América Latina de modo geral (GRIFFIN, 2001).

Conforme as entrevistas que realizamos, Vans, DC e Etnies são algumas das marcas – que possuem valor simbólico – favoritas entre os skatistas. Essas marcas têm origem no estado da Califórnia, Estados Unidos (Tabela 1), e, aos poucos, tornaram-se símbolos da cultura skate, atrelados à construção identitária dos skatistas não somente nos Estados Unidos, mas no mundo todo (LIMA, 2018, p. 144).

Tabela 1: Marcas favoritas dos skatistas e suas cidades de origem

MARCA	CIDADE DE ORIGEM	ANO DE FUNDAÇÃO
-------	------------------	-----------------

Vans	Costa Mesa, Califórnia	1966
Etnies	Lake Forrest, Califórnia	1986
DC	Huntington Beach, Califórnia	1994

Fonte: LIMA, 2018.

Devemos salientar, entretanto, que os tênis das referidas marcas (Vans, Etnies, DC), embora duráveis e resistentes aos constantes impactos que ocorrem ao andar de skate, têm preço inacessível para a maior parte dos skatistas brasileiros. Não raro, um par de tênis dessas marcas custa mais de 250 reais. Dessa forma, alguns skatistas de menor poder aquisitivo, optam por tênis de marcas nacionais, muito mais acessíveis, como os das marcas Mad Rats e Ride, que podem ser encontrados por cerca de cem reais.

A predominância de algumas marcas entre os skatistas é tão significativa que, de acordo com o celebrado skatista norte-americano Tony Hawk, “se você estivesse vestindo tênis Vans em 1986, você era um skatista”, o que sinaliza não ser esse um fenômeno recente, mas que já perdura há décadas (LIMA, 2018). Eis o que diz um skatista de 19 anos:

Eu curto tênis da Vans. Pra um skatista, o tênis é o principal depois do skate. Andar de skate não é muito barato não, ainda mais se quiser um “*shape*” da hora. Custa uma grana, mas vale a pena, dura mais. Tênis a mesma coisa, se não for bom, duas ou três vezes que usa começa a abrir tudo, aí só com “*silvertape*”⁴ ou fica com o dedão de fora “*panguando*”⁵. É aquela história, equipamento bom ajuda, mas não faz milagre. Se o cara não andar direto, não procurar evoluir, aí pode dar um shape de ouro, o melhor tênis do mundo, tudo coisa gringa que não vai virar nada (SKATISTA 2, 2017).

A prática do lazer, conforme Magnani (2005), permite o estabelecimento de relações de sociabilidade juvenis, tendo como pressuposto que os “espaços compartilhados facilitam o encontro e o estabelecimento de relações de troca entre os sujeitos” (LIMA, 2018, p. 141). Assim, reproduzimos trecho de entrevista

⁴ Tipo de fita plástica, parecida com fita isolante. De cor acinzentada, é utilizada para remendar rasgos e furos em tênis de skate.

⁵ Gíria que significa: vacilar, dar mole, ficar de bobeira, não prestar atenção etc.

realizada com um skatista três-lagoense, que sustenta que entre os skatistas, é comum que os mais experientes, mais habilidosos, ajudem os iniciantes, ensinando técnicas e manobras, caracterizando uma situação de troca de conhecimentos:

Eu acho que é tipo assim: quem sabe fazer um rolê diferente, às vezes, dá um salve pros manos que estão começando a andar, pode pá? Mas aí tem uns caras que já é mais na deles, tá ligado? Que vem anda aí na pista faz os rolês deles e sai fora. Já faz uns anos que eu ando, tá ligado? Na minha goma ninguém curte, nenhum dos meus irmãos. Eu fui criado na igreja, só fui começar a sair com 15 anos, mano. Aí, achava da hora skate, que eu já jogava o jogo do Tony Hawk no Play [Station] I. Aí tem o F. e o J. que foi me ensinando, tá ligado? Os caras tiveram uma humildade, né? Pra dar as ideias certas, chegou junto. Gratidão aí com os caras, porque tipo não é todo mundo que curte chegar, dar os toques, as manhas do skate, pode pá? Até porque, na hora, é você ali em cima do skate, alguém pode dar os toques, mas, aí, vai de você dar conta de fazer a fita ou não, né? (SKATISTA 3, 2017).

ARTICULAÇÃO ENTRE SKATE E ARTES: DO PUNK ROCK E HARDCORE AO HIP-HOP

A articulação entre o skate e as artes ocorre desde o fim da década de 1970 e início da década de 1980. Desde essa época, o skate tem estado associado ao punk rock e ao hardcore, ambos subgêneros do rock n' roll, porém artistas e bandas desses estilos permaneceram, durante muito tempo, "com público e exposição radiofônica limitadas, até a popularização massiva da cultura punk/hardcore na década de 1990." (LIMA, 2018, p. 142).

O estilo skate/surf, dos anos 60 e 70, do séc. XX, levava os movimentos do surf para o asfalto; o skate/punk, na década seguinte, mais agressivo, utilizava os equipamentos urbanos – bancos, calçadas, corrimãos – para ressignificar a cidade. Por fim, o skate/rap, na década de 90, conhecido como streetskate, uma aproximação da cultura skate com a cultura hip-hop, apropriava-se – e, ainda, se apropria – da cidade. Aproximar-se do punk e ganhar a cidade ajudou a expansão do skate. O streetwear, surgido também nessa época, deu visibilidade às ruas e chamou a atenção da indústria cultural. Ser mais visto, por estar na rua, aproximar-se do movimento hip-hop e acolher um público das camadas mais

populares trouxe crescimento, novamente, ao skate (FELICIANO, 2017, p. 123).

A partir da primeira metade da década de 1990, o sucesso de bandas norte-americanas (californianas) como The Offspring, Green Day e Blink-182 possibilitou a difusão do punk rock e do hardcore, midiaticamente, chamando atenção também para a cultura associada na qual o skate se insere (LIMA, 2018, p. 143).

A relação do skate com a música é tão intensa, que alguns campeões e competidores até se lançaram no mundo musical. Dentre eles, Duane Peters, Steve Caballero, Tommy Guerrero e Ray Barbee. Cada um tem seu estilo. O veterano Peters, criador de manobras inovadoras na década de 70, foi um dos primeiros skatistas a adotar o estilo de vida punk e, como cantor e compositor, fez parte de várias bandas do gênero (CAVALCANTI, 2012, p. 7).

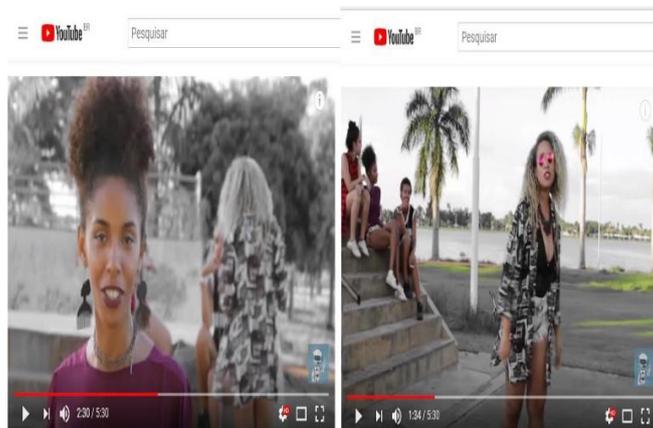
Por volta do ano 2000, paralelamente, “o hip-hop também passou a ser associado ao skate” (LIMA, 2018, p. 127). A “estética hip-hop que é composta pela figura do rapper, do MC, do DJ, pelos *b-boys* – dançarinos de *break* – e pelo grafite, foi incorporada pelos skatistas e se tornou um complemento da identidade skate (CAVALCANTI, 2012; LIMA, 2018).

São vários os rappers que gostam de se arriscar em cima de uma prancha. Dentre eles, Tyler, the Creator, Redman, Lupe Fiasco e Souljaboy. E agora o sempre polêmico Lil Wayne disse que por enquanto está aposentado do rap e vai dedicar seu tempo ao skate. “O skate é meu estilo de vida”, falou. “Se quiserem me encontrar, estarei em minha prancha” (CAVALCANTI, 2012, p. 3).

Em Três Lagoas, especificamente, o skate e o hip-hop têm relação bastante próxima, “caminham juntos e se sustentam em conjunto” (LIMA, 2018, p. 131). Essa relação é evidenciada em algumas situações específicas. Podemos citar a batalha de MC’s, chamada atualmente de “Batalha do Cinza”, que ocorre semanalmente na pista de skate da Lagoa Maior e que atrai grande público, ou, ainda, a gravação do videoclipe da música “Resistência”, de autoria das MC’s locais

Lah Brisa, Raffa, Lari Silva e Amy, que ocorreu na pista de skate em 2017 (Figura 3).

Figura 3: Cenas do videoclipe “Resistência”



Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=Lm3Q7Vkg_48 > Acesso em: 06 set. 2018.

Devido à lacuna de campeonatos de skate em Três Lagoas, a partir de 2015, um grupo de skatistas chamado “Microbio di Skate”, cujo logotipo podemos observar na figura 4, passou a organizar e promover campeonatos de skate, com intuito de incentivar a prática do skate em articulação com as artes.

278

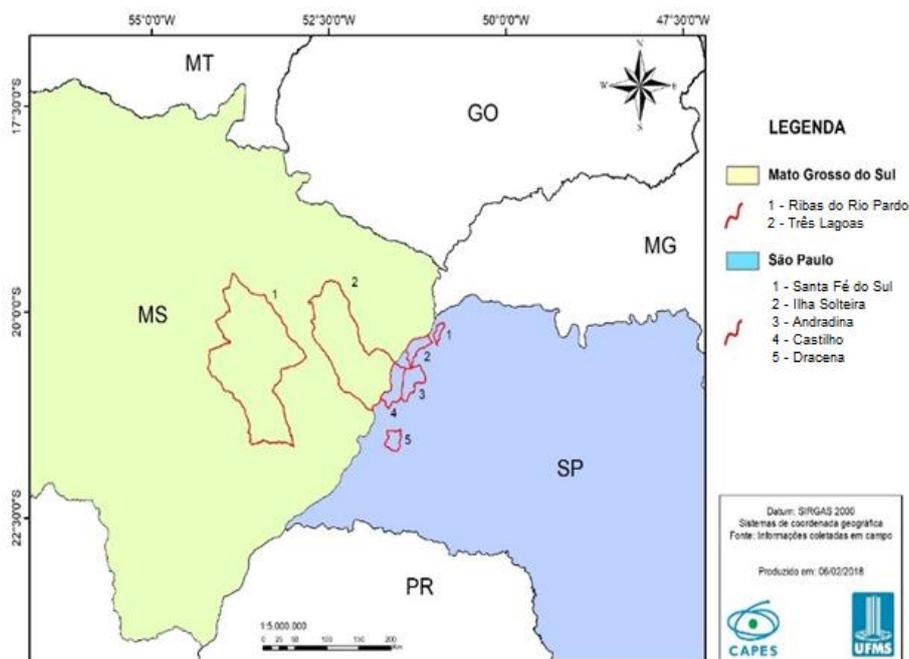
Figura 4: Logotipo Micróbio di Skate



Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/microbiodiskate> Acesso em: 19. dez. 2019.

Um dos campeonatos organizados pelo grupo foi o Campeonato de Skate do Dia das Crianças (2015). Desse campeonato participaram skatistas, a partir de 5 anos de idade, oriundos de sete cidades de Mato Grosso do Sul e São Paulo, como podemos ver representado no mapa 2.

Mapa 2: Localização dos municípios de origem dos skatistas participantes do Campeonato de Skate do Dia das Crianças (2015)



Elaborado pelo autor, 2018.

De acordo com um dos organizadores, o campeonato tem como objetivo fomentar a sociabilidade dos skatistas, especialmente entre as crianças, e “é aberto a todas as idades, e para quem tem aptidão ou não, para o skate, ou, simplesmente, para quem queira só se divertir” (LIMA, 2018, p. 151).

Por ser uma iniciativa independente, que não conta com grande apoio financeiro de patrocinadores, o Campeonato de Skate do Dia das Crianças, diferentemente de grandes campeonatos, não distribui prêmios em dinheiro para os vencedores de cada categoria. Os melhores skatistas do Campeonato de Skate do Dia das Crianças, recebem “premiações alternativas, como peças de skate, tênis, roupas e tatuagens, que são realizadas em estúdio de tatuagem parceiro do evento” (LIMA, 2018, p. 148) (Tabela 2).

Tabela 2: Categorias disputadas e prêmios ofertados no Campeonato de Skate do Dia das Crianças – 2015

CATEGORIA	PREMIAÇÃO
Campeonato de linha	Peças de skate, roupas e acessórios
Best trick (melhor manobra)	Peças de skate e uma tatuagem no valor de R\$ 450,00
Game of skate	Peças de skate e uma tatuagem no valor de R\$ 250,00

Fonte: LIMA, 2018.

Em 2016, ocorreu a segunda edição do evento. Além das competições de skate consideradas, aqui, no âmbito esportivo, houve apresentações musicais (banda de hardcore e batalha de MC's), como podemos observar no fôlder do evento (Figura 5).

Figura 5: Fôlder do Campeonato de Skate do Dia das Crianças (2016).



Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/microbiodiskate> Acesso em: 19. dez. 2019.

Conforme Lima (2018, p. 147):

A articulação com o hip-hop se deu por meio de apresentações e batalhas de MC's que contaram com a participação de vários artistas inseridos no movimento hip-hop local e regional. Nesse âmbito, as territorialidades do skate e do hip-hop se materializam e deixam suas marcas no espaço de maneira conjunta e sobreposta.

Na tabela 3, observamos a relação de artistas que se apresentaram no Campeonato de Skate do Dia das Crianças em 2016 e as cidades de origem de cada um deles.

Tabela 3: Cidades de origem dos artistas que se apresentaram no Campeonato de Skate do Dia das Crianças (2016)

ARTISTA	CIDADE DE ORIGEM
MC Lah Brisa	Três Lagoas/MS
Uz Mlks MC's	Ilha Solteira/SP
MC Pedrada	Três Lagoas/MS
MC Cinza	Três Lagoas/MS
MC Crazy	Três Lagoas/MS
MC Mano Dré	Castilho/SP
MC André	Três Lagoas/MS

Fonte: LIMA, 2018.

Em junho de 2017, entretanto, uma tragédia abalou os movimentos skate e hip-hop três-lagoenses. Ambos sofreram um duro golpe com o trágico falecimento de uma de suas mais significativas figuras, o MC Cinza (também conhecido como Knox MC), que, além de MC, também era skatista (Figura 6).

Figura 6: MC CINZA (1993-2017)

Fonte: RUFINO, 2017.

Além de sua carreira solo de MC, Cinza era um dos membros fundadores do grupo local de hip-hop Controversos MC's (Figura 7) e era grande entusiasta do skate, "esporte que praticava desde os 7 anos de idade" (LIMA, 2018, p. 154).

Figura 7: Grupo Controversos MC's no programa A Casa é Sua do canal TVC



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7ASd0xzznYY> . Acesso em: 17 set. 2018.

Cinza, cujo nome verdadeiro era Kaic Wesley Pereira, foi vítima de um acidente de trânsito, na Avenida Ranulpho Marques Leal, em Três Lagoas, nas primeiras horas da manhã de 21 de junho de 2017, uma quarta-feira. A notícia causou consternação na comunidade local, “tanto por conta da significância de Cinza nos movimentos skate e hip-hop, quanto pela natureza do desastre” (LIMA, 2018, p. 154).

Na tarde de domingo, dia 25 de junho de 2017, a pista de skate da Lagoa Maior (em uma clara manifestação do valor simbólico daquele lugar para o skate e hip-hop três-lagoenses) foi “palco de lágrimas e sorrisos saudosos” em uma homenagem repleta de emoção ao MC Cinza, como noticiou o site de notícias Perfil News” (LIMA, 2018, p. 154) (Figura 8).

Figura 8: Homenagem ao MC Cinza, realizada na pista de skate da Lagoa Maior



Fonte: RUFINO, 2017.

Familiares e amigos de Cinza “reuniram-se para uma tarde de homenagens, marcada por apresentações artísticas e manifestações culturais, em que diversos MC’s locais prestaram tributo” (LIMA, 2018, p. 153). O momento de maior emoção, porém, ocorreu quando o MC Lucas D’Roos, amigo próximo do MC Cinza, levou muitos dos presentes às lágrimas com a declamação de um rap feito em sua homenagem, chamado “Meu Rap Cinza”:

283

Dia 21 de junho, marcado no calendário, perdi o sono, pulei cedo, tô atrasado pro trabalho. Meu relato, dia mal, eu também sou falho e tudo que eu queria ali era ter entendido errado. Primeira manhã do inverno, vento frio, folhas ao chão, girassóis procurando o sol, e um aperto no coração. Brilho no olhar encerra, embaça as vistas, ouço seu nome, sobrenome e em seguida vem a notícia. Soco no amago, embrulha o estômago, a mente em contradição, na alma um turbilhão, emoções, olhar no chão, como é possível? Como é possível? Afirmo, não é possível! Um dos melhores que esteve aqui, fiel na função de MC, você partiu mano, mas não deixa de existir, no peito de quem te amou, na mente de quem te ouviu, eternizado em seus versos, poesias, seus sons gravados, *freestyle*, arrepio, só quem estava lá sentiu. Tio, só quem estava lá sentiu. Olho pro céu, suor nas mãos, só Deus pra me confortar. Entrego minha alma em oração, o fim só Deus pode julgar. Quanto mais penso, é esquisito, só aumenta o vazio. Deixa o sol esquentar que não vai aquecer o frio, tensão nos fios, telefonema, vou sair do Facebook converso com o Santo Espírito, espero que ele me escute. Lembro dos momentos bons, pra que meu coração desfrute. Meu Pai, meu Deus, peço que o Senhor me ajude, Deus, me ajude. Leva embora essa dor Senhor, leva embora, arranca o vazio da perda, dê o amor que revigora no coração de cada mano, dentro de cada mina, traz a paz e esperança Pai pra toda família. Quem vive a vida sem

sentido está correndo atrás do vento, seu som, sua música, sempre vai ecoar no tempo. Nenhum sorriso fez sentido, justo na quarta-feira, o destino traçou seus planos, até parece brincadeira de mal gosto, mas não é, isso é vida além da ciência, fato que me faz brisar em minhas escolhas e consequências. Um pensamento atemporal invade minha razão, na noção, discordo de Epicuro, com as lembranças do passado, a verdade do presente, e o olhar sobre o futuro. É como dar um tiro no escuro, dizer que vou me acostumar, vou me curar, o tempo vai me ajudar, mas nas batalhas de rima sempre vai sobrar um lugar. Lembro da gente improvisando, as ofensas eram sem maldade, gastação pra anular o ego e fazer esquecer as vaidades. Você que me venceu na rima, agora perco pra saudade. Reunião no Pedrada, o churrasco em família. Corda sonora, Veredas, Rap mensagem, *play* no Fifa, sem empate, você o rei do Mortal Kombat, sem alarde, sigo em paz, contra o medo não sou covarde. Controversos, lembro da frase na sua voz, "cê" sempre dizia que tinha que ser "Nóis por Nóis". Tem que ser " Nóis por Nois". Vou terminando essa letra, o dia vai amanhecendo, "cê" dizia era "Nois por Nóis" e ainda continua sendo. Rosto molhado com as lágrimas, minhas letras vão descendo, irmão, amigo, seguimos desenvolvendo. Que suas vivências, mano, fiquem gravadas no infinito, essa música é uma homenagem, um desabafo, esse é o meu grito, que quem ouça se emocione, reflita, sinte, mas essa é pra você meu mano, esse é meu Rap Cinza (MC LUCAS D'ROOX).

Observamos, dessa maneira, que a mobilização empreendida pelos movimentos skate e hip-hop com intuito de homenagear o MC Cinza demonstrou a capacidade de articulação entre os dois movimentos, na atualidade, em Três Lagoas, e evidenciou o estabelecimento da pista de skate da Lagoa Maior como território, de fato, do skate e da cultura urbana juvenil contemporânea onde o hip-hop imprime suas feições no espaço de forma conjunta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os microterritórios existentes na Lagoa Maior, o território do skate, materializado pela pista de skate da Lagoa Maior, tem bastante relevância para os skatistas, bem como para os jovens adeptos do movimento hip-hop, tendo em vista a articulação entre ambos em Três Lagoas. Fica evidente, nesse sentido, que

os sujeitos jovens adeptos das culturas skate e hip-hop atuam como agentes produtores do espaço a partir de intencionalidades compartilhadas e identidades que se mesclam.

O processo de apropriação do espaço da pista de skate parte do interesse que os referidos sujeitos nutrem pelo skate e pelo hip-hop. Assim, o amplo espaço ao redor da Lagoa Maior, tem a pista de skate, como local onde se projeta uma microterritorialidade do skate e do hip-hop, que se apropria de uma porção do espaço – a pista de skate –, que é parte do todo, representado pelo espaço de lazer ao redor da Lagoa Maior, que é muito mais amplo e conta com diversos equipamentos de lazer e esportivos que abrigam outras microterritorialidades.

Surgidas nos Estados Unidos, com o tempo, as culturas skate e hip-hop tornaram-se movimentos culturais de amplitude global, assim como os simbolismos atrelados a objetos que os materializam, e que “encontraram, no Brasil, terreno fértil para sua disseminação, principalmente entre as classes sociais de menor nível socioeconômico” (LIMA, 2018, p. 154).

A grande maioria dos skatistas brasileiros pertencem à classe C, de acordo com pesquisa nacional realizada em 2015. Entre os skatistas de Três Lagoas, especificamente, notamos que o nível socioeconômico condiz com o que aponta a referida pesquisa, tendo como suporte as observações e entrevistas que realizamos durante a pesquisa que deu origem ao presente texto.

Embora existam referências globais no estabelecimento de redes de sociabilidade juvenis, salientamos, que, é na escala local – à qual são intrínsecos fatores de especificidade local – que ocorrem as relações sociais cotidianas, permeadas por singularidades que representam a dialética entre o local e o global.

Dessa maneira, concluimos que, em Três Lagoas, os sujeitos adeptos das culturas skate e hip-hop frequentadores da pista de skate da Lagoa Maior, têm características em comum, no que tange às suas práticas de lazer e à sua

construção identitária, incidindo no estabelecimento de redes de sociabilidade, e também na própria apropriação do espaço, que faz emergir um território – em escala micro – calcado em intencionalidades compartilhadas que, embora tenha referências globais, é, sobretudo, um processo socioespacial local, de abrangência estendida à escala regional, tendo em vista os eventos realizados, que atraem skatistas e adeptos do hip-hop não somente de Três Lagoas, mas também de cidades próximas, dos estados de Mato Grosso do Sul e São Paulo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: HUCITEC, 1999.

BELK, R. W. Possessions and the extended self. **Journal of consumer research**, Oxford, v. 15, n. 2, p. 139-168, 1988.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CARRANO, P. C. R. **Os jovens e a cidade**: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas. Rio de Janeiro: Relume Damurá, 2002.

CAVALCANTI, P. **Especial skate**: só adrenalina. 2012. Disponível em <<http://rollingstone.uol.com.br/edicao/edicao-74/so-adrenalina?page=2#imagem0>> Acesso em: 07 jun. 2017.

CBSK. CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE SKATE. Disponível em: <<http://www.cbsk.com.br/uploads/repositorio/pesquisadatafolha2015.pdf>> Acesso em: 13 jun. 2017.

COLOGNESE, S. A.; MÉLO, J. L. B. de. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, 1998.

COSTA, B. P. Microterritorializações e microterritorialidades urbanas. **Terra Plural**, Ponta Grossa, v. 11, n. 1, 2017.

DAYRELL, J. **A música entra em cena**: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2001.

FELICIANO, L. A. **Picos, gaps e manobras**: etnografia de um grupo de jovens skatistas em São José dos Campos (SP). 2017. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

FOOTE-WHYTE, W. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, A. Z. (org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GRIFFIN, C. Imagining new narratives of youth: youth research, the new Europe and global youth culture. **Childhood**, Trondheim, v. 8, n. 2, p. 147-166, 2001.

HAESBAERT, R. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, Niterói, v. 9, nº 17, 2007.

_____. **Des-territorialização e Identidade**: a rede “gaúcha” no Nordeste. Niterói: EdUFF, 1997.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

LIMA, M. G. **Espaços de lazer e territórios juvenis em Três Lagoas/MS**. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Três Lagoas, 2018.

_____. ARANHA-SILVA, E. Espaços de lazer e territorialização na Lagoa Maior em Três Lagoas/MS: 1900-2016. **CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES**, Málaga, v. 17, nº1, p. 1-12, 2017.

MAGNANI, J. C. M. Os circuitos dos jovens urbanos. Tempo Social, **Revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 17, n. 2. 2005.

MAY, T. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MCCRACKEN, G. **Cultura e consumo**: Novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

ORTIZ, R. **Mundialização e Cultura**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994.

PILKINGTON, H. Is There a Global Youth Culture? A View from the Periphery, 1997, Washington, DC. In: 96th American Anthropological Association Conference, Washington, DC. **Anais do 96th American Anthropological Association Conference**. Washington, DC: American Anthropological Association Conference, 1997.

RAMOS, E. C. M. **Tudo Junto e Misturado, Rolês e Fluxos dos Jovens das Periferias**: Capital espacial construído por redes juvenis no campo da diversão e geometrias de poder na cidade. 2017. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente, 2017.

REIS, R. C. **Território Sagrado**: Exílio e Reconquista Krenak no Vale do Rio Doce. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio Doce, Governador Valadares, 2011.

RUFINO, G. **Manifestação cultural na pista de skate marca homenagem ao Cinza MC**. 2017. Disponível em: < <https://www.perfilnews.com.br/noticias/tres-lagoas/manifestacao-cultural-na-pista-de-skate-marca-homenagem-ao-cinza-mc> > Acesso em: 13 jun. 2018.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002.

SAQUET, M. A. Introdução. In: SAQUET, M. A; SPOSITO, E. S. (Org.) **Território e Territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

_____. Abordagens e concepções de território. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SILVEIRA, J. D. A excursão no ensino de Geografia. **Revista Geografia**, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 71-73, 1936.

TURRA NETO, N. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava**: territórios e redes de sociabilidade. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente, 2008.

_____. Microterritorialidades nas cidades: uma introdução à temática. **Revista Cidades**, Presidente Prudente, v. 10, n. 7, 2013.

Submetido em 23 de março de 2020

Aprovado em: 08 de maio de 2020

Publicado em: 30 de maio de 2020